

Grosfoguel, Ramón (2013): “Racismo/sexismo epistémico, universidades occidentalizadas y los cuatro genocidios/epistemicidios del largo siglo XVI”, *Tabula Rasa*, nº 19, pp. 31-58.

Moreno Cabrera, Juan Carlos (2008): *El nacionalismo lingüístico. Una ideología destructiva*, Barcelona: Ediciones Península.

Rui Lage, *O Invisível*, Gradiva, 2018, 281 pp.

José Vieira  
Cátedra Manuel Alegre  
Universidade de Pádua  
jose.vieira@unipd.it

No prefácio a *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde escreve que “a diversidade de opinião sobre uma obra de arte revela que a obra é nova, complexa e vital”. Se a diversidade de opinião não fosse suficiente para garantir a intemporalidade da literatura, o argumento de Ingarden, por sua vez, em *A Obra de Arte Literária* seria mais que derradeiro. Para o ensaísta, a obra literária “«vive» na medida em que *sofre transformações em consequência* de concretizações sempre novas”. A vitalidade da literatura passa pelo vigor e grandeza das suas personagens e, por vezes, dos seus autores.

Em *O Invisível*, Rui Lage (RL) propõe-nos um Fernando Pessoa (FP) refigurado e elevado à condição de personagem literária, num “prolongamento ficcional”, Carlos Reis *dixit*, que muito tem de sobrevida. Apostando em características que ativam mecanismos cognitivos em relação ao poeta, o romancista não deixa, também, de apresentar outros contornos que vão para além da realidade material de FP. Articulado com o ponto da sobrevida de Pessoa em Pessoa, este processo desenvolve-se a partir de três momentos narrativos: a juventude na África do Sul; a vida lisboeta e a viagem até à Cova do Sapo. Durban, Lisboa e Cova do Sapo surgem como espaços modeladores de um FP *outro* que se transforma, associado a Augusto Ferreira Gomes (AFG), em gerente da “Agência Bandarra” (2018: 40). De um modo fluido e através de uma escrita exuberante e sensitiva, RL

revela-nos uma face de FP não tão evidente quanto a de poeta: a do ocultismo esotérico.

### 1. Durban e a recuperação de um passado desconhecido

É nas florestas de “KwaZulu-Natal, presididas pelo luar africano”, que FP, “deixando-se conduzir pela mão de Sindisiwe” (2018: 43), é introduzido nos mistérios da feitiçaria africana. Numa dessas reuniões, beberia uma poção que o levaria a ter um “vislumbre dos invisíveis”, dom que, com a passagem do tempo, “aprenderia a domesticar” (2018: 46) e a utilizar para proveito próprio. RL resgata o passado africano do poeta, atribuindo-lhe uma importância axial para a compreensão da galáxia heteronímica. Preenchendo os espaços em branco da infância de FP, estamos perante a sua reconfiguração ficcional, feita através de uma biografia alternativa ou paralela, que muito tem de Post-Modernismo.

### 2. Lisboa dos anos 30. Recuperação de um Pessoa oblíquo

Em 1931 encontramos FP a viver na Rua dos Douradores. Partindo de um espelho presente no seu quarto, e através da focalização interna, o autor ativa os mecanismos cognitivos que nos levam à imagem cristalizada do poeta, presente numa das suas últimas fotos: “os anos tinham feito os seus estragos. Na cabeça oval, a calvície galopante duplicara o tamanho da testa [...]. O cabelo restante, bem aparado, fazia-se grisalho nalguns pontos. [...] O bigode era uma perfeita pirâmide negra a invadir parte do lábio superior e o vértice a casar com a ponta do nariz pronunciado. Atrás das lentes riscadas, espartilhados pelos grossos aros de massa preta, os olhos outrora vivos apareciam agora insondáveis, lumes presos no fundo de um poço” (2018: 28). Aliado ao envelhecimento precoce, surge ainda o gosto pelo álcool, companhia fiel de FP ao longo da vida e do romance.

Partindo de traços físicos e alguns hábitos, o poeta apresenta, todavia, outros contornos que vêm adensar a sua refiguração, passando, por um lado, pela recuperação de espaços em branco, e, por outro, pela criação ficcional. A saber: a paixão de FP por Hanni Jaeger, amante que Aleister Crowley trouxera para Portugal e o hábito que FP nunca teve de frequentar a vida noturna dos *clubs*. No que diz respeito à relação do poeta com a “dama escarlate”, RL intensifica a atração física de FP pela alemã, colocando ambas as personagens em momentos de intimidade sexual e humanização efetiva: “Aí estava Pessoa arrancando-se a si

mesmo por outra via, renascendo noutro modo de ser (...) pela pura dimensão da carne” (2018: 75). Sabemos, ainda, por intermédio de nova focalização interna, desta feita, de Hanni, que o poeta era meigo e suave quando queria, “porque era vários. Vários homens. E ela já tinha manhas de acordar o que mais lhe agradava consoante os humores de cada ocasião” (2018: 72). No que à vida noturna diz respeito, encontramos FP a frequentar o Maxim’s, *club* onde o fumo, o jazz e o cabaret se entrecruzam com a lascívia, o vício e a oblíqua exuberância da moderna vida. Através de certas descrições tanto impressionistas quanto sinestésicas, RL cria uma viagem pendular entre a memória da infância de Pessoa, que “nascera em berço de ópera”, relembrando as “tardes primaveris, quando pedalava o triciclo vermelho sob as tílias do largo, vigiado pela mãe ainda esbelta” ao som de “Wagner ou Donizetti”, e as estridências do *jazz-band*, “comboio nevrótico a disparar túnel adentro” (2018: 55).

### 3. O Norte e a transparência da personagem

A viagem de FP e AFG até à Cova do Sapo é outra marca da sobrevida de uma figura que jamais visitou o norte do país. Viajando sob o pretexto de um caso esotérico que assolava a pequena povoação, RL apresenta-nos uma outra faceta da personagem. A viagem do poeta para fora de Lisboa acaba por ser uma viagem até dentro de si mesmo. O Norte acaba por ser metáfora do sujeito em busca de um sentido para a sua vida. De novo, surge a heteronímia e uma possível justificação para o fenómeno: “Não poderia dar-se que os seus heterónimos fossem, também eles, habitantes da 4ª dimensão? [...] Isso significava que Campos, Reis, Caeiro e os demais não tinham a sua origem em si, mas alhures. [...] Ter-se-ia cruzado com eles na rua, sem reconhecê-los? Não poderia mesmo ser o médium de heterónimos cuja existência ignorava?” (2018: 202).

Assim, a sobrevida de FP efetua-se a partir da sua incessante busca de uma identidade sempre dispersa e fragmentada. Não podendo RL auscultar as funduras humanas na carne do poeta, é no papel que a personagem se torna transparente, elevada à imortal condição de *Homo Fictus*, criatura literária por excelência.